



A DINAMICIDADE E PODER DA LÍNGUA: UMA REFLEXÃO SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A LINGUAGEM GÍRIA MARGINAL

Daniele Angélica Borges Foletto (PPGL-UNEMAT)
coldwinter01@hotmail.com

Juliana Andretti Parreira (PPGL-UNEMAT)
Ju_andretti@hotmail.com

Rayani Andressa da Cruz Oliveira (PPGL-UNEMAT)
rayacruzandressa@gmail.com

Taynara dos Santos Quintino (PPGL-UNEMAT)
taynaraquintino19@gmail.com

Introdução

A motivação desse estudo surgiu durante as aulas de Sociolinguística (para mestrandos e doutorandos) ministrada pela Prof.Dra. Cristiane Schmidt. Uma vez, que foi aberto um momento para os alunos falarem sobre suas experiências de pesquisa, surgiram diversos temas, e a temática gíria foi algo que nos inquietou, principalmente ao iniciarmos nossas pesquisas e notar que as gírias de um modo geral estão majoritariamente relacionadas à marginalidade, à algo que destoa do “correto”.

Desse modo, a relevância deste estudo se justifica na medida em que compreendemos não só a versatilidade e poder da linguagem, mas principalmente que o falante mesmo que inconscientemente sabe se apropriar disso. Pois, percebemos o vocabulário gírio marginal (restrito à determinados grupos) pode ser visualizado como uma ferramenta social que aproxima ou afasta as pessoas.

Assim, compreendemos que o modo como o indivíduo fala pode definir seu status e construir sua identidade social. Desse modo, o código linguístico pode ser visualizado como uma ferramenta social que identifica cada grupo.

1. A GÍRIA



As gírias de um modo geral, são recursos linguísticos de grande expressividade, sendo um fator possível para a ocorrência de variações e mudanças que acontecem na língua e passam a ser utilizadas, principalmente, por jovens. Estas mudanças são graduais, agregadas ao léxico, que é o conjunto de vocábulos de uma língua que demonstra as variações linguísticas ocorridas, revelando a cultural armazenada ao longo do tempo e refletindo as mudanças sociais.

De modo mais específico, o vocabulário gírio é um meio especial da língua, de caráter particular e passageiro, que realiza a função de identificar o indivíduo no seu grupo. Todavia, o emprego desse fenômeno linguístico requer o devido cuidado, no que diz respeito aos espaços de uso, sob pena de vir a sofrer discriminação linguística, isso se confirma no momento que passamos a observar os grupos sociais que se formam dentro de uma sociedade, pois o modo como o indivíduo fala pode definir seu status e construir sua identidade social. Assim, o código linguístico pode ser visualizado como uma ferramenta social que pode aproximar ou afastar as pessoas.

Dessa maneira, a utilização de gírias nas diferentes situações comunicativas vem se ampliando de modo significativo nos últimos tempos. Este fato, junto ao interesse pela oralidade nos últimos anos, tem direcionado alguns pesquisadores a desenvolverem estudos sobre este tema, como é o caso deste trabalho. Isto posto, apoiamo-nos em autores como Preti (1984) o qual afirma que “... A gíria se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante.” Assim, sabemos que o vocabulário gírio está presente há muito tempo na sociedade, contudo, por se tratar de um recurso linguístico particularmente oral, não existem registros informando uma data certa para o seu surgimento. Preti (2006) informa que:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas) os quais buscam com a criação



de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p.242)

Logo, podemos perceber que tratar do assunto gíria, tipicamente está relacionado à marginalidade. Nesse sentido, passamos a pensar não nas gírias comuns, mas no vocabulário gírio de grupos considerados marginais, que fazem uso de um código linguístico, até um tempo atrás considerado restrito, fazendo com que outros indivíduos não pertencentes ao grupo não os compreendessem.

Contudo, é possível perceber que a linguagem dos marginais é divulgada e espalhada pelos meios de comunicação de massa, fazendo com que outros grupos sociais não só tenham conhecimento sobre esta linguagem como também passem a fazer uso dela, especialmente os jovens. Assim, observa-se que o vocabulário gírio sai dos espaços marginais para as ruas, e mídias da sociedade.

2. A EXPANSÃO DO VOCABULÁRIO GÍRIO MARGINAL

Um dos fatores que contribuiu para a expansão da gíria marginal para a linguagem dos grupos comuns, se deve ao fato de a mídia selecionar os termos que ultrapassam os presídios, como também favelas, e se difundem na fala dos indivíduos. Desse modo, os veículos de comunicação de massa, como a TV, e o rádio exercem influência sobre os hábitos de linguagem dos falantes, pois utilizam gírias em sua programação. E ainda com advento da internet e suas redes sociais, a gíria tem se propagado rapidamente, ultrapassando a barreira das classes menos favorecidas socialmente e chegando até as classes sociais mais abastadas, principalmente através do público jovem.



Entretanto, é relevante dizer que se difundir na fala dos outros indivíduos, não significa dizer que a gíria atingiu seu prestígio, mas que ela se vulgarizou fazendo parte da vida das pessoas, num contexto de alertar, e conhecer para se defender.

Assim, para ilustrar a extensão do vocabulário gírio marginal a outros grupos sociais, tome-se como exemplo o trabalho do jornalista e pesquisador Abinael Moraes Leal, que vem selecionando milhares de verbetes, dando origem ao livro “*Dicionário linguagem marginal*”. De acordo com a matéria publicada pelo jornal online *O rebate*:

A ideia surgiu em 1972, quando Abinael ingressou na Polícia Militar do Estado da Bahia, onde serviu até 1974. De lá pra cá, continuou "catando e arquivando os verbetes", em suas andanças pelas ruas, nos coletivos, terminais rodoviários, bares, botecos, zonas de prostituição e bairros periféricos, além d pesquisas em páginas policiais dos jornais, revistas e até em depoimentos de alguns marginais. Sabemos que as profissões se definem, em grande parte, através de jargões, que lhe são peculiares e isso ocorre em todo o mundo. Essa linguagem comum ajuda na comunicação de milhares de pessoas", diz o autor, acrescentando que o livro, portanto, é uma importante ferramenta para que se possa traduzir, cada vez mais, o universo "do linguajar daqueles que vivem à margem da sociedade" (LEAL, 2007)

É interessante notar, que uma obra como essa se torna oportuna a todas as camadas sociais, essencialmente em perceber o processo dinâmico da gíria; daí a necessidade de estarmos sempre atualizados com ela. No entanto, talvez o fato que mais nos chama a atenção, é observar que o interesse maior em conhecer essa linguagem marginal é das pessoas que não habitam o mundo marginal, para que possam se defender caso sejam atacados, é a língua funcionando como instrumento de poder.

Pois, conforme estudo das áreas jurídicas, realizado por Oliveira (2011):

O sistema policial tem ido “à caça” de vocábulos e expressões gírias no combate à criminalidade, pois ela tem sido poderosa arma aos bandidos. Nesse sentido os agentes policiais têm construído glossários e até dicionários com a linguagem dos presos. Identificando o código das celas fica fácil a polícia combater a criminalidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 33)



Assim, ir “à caça” dessa linguagem marginal requer que o indivíduo perceba a mutabilidade da língua, caracterizadas pelas relações sociais que integram pessoas e grupos. E, isso corrobora com o que já mencionamos, sobre o indivíduo mesmo que inconscientemente faz uso das possibilidades da linguagem.

3. UMA VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE O VABULÁRIO GÍRIO

Como já sabemos, a língua é recurso que utilizamos para nos comunicar com a sociedade em geral. A língua é também variável, flexível e está sempre se renovando, ainda mais quando levamos em consideração as diferentes camadas sociais. Dessa maneira, é através da língua que podemos identificar um povo e/ou ainda até mesmo a sua cultura.

Dessa maneira, isso evidência que a língua é um traço da identidade do falante, construída nas relações sociais. E, assim dizer que a gíria também faz parte deste processo. Contudo, por ser uma linguagem diferente da convencional é alvo do preconceito linguístico. Pois, se formos pensar do ponto de vista linguístico e social, a gíria não faz parte do “correto”, da norma padrão culta.

Não obstante, como muitos pesquisadores da linguagem, percebemos que a gíria revela a capacidade criativa e com função social. Conforme aponta, Cardoso (apud COSTA, 2002) explicando que todo falante possui a capacidade de inovar e renovar códigos comunicativos. Mesmo aqueles marginalizados da sociedade, que não fazem parte de uma educação escolarizada, são livres para inovação linguística.

Assim, do ponto de vista da linguística e para ilustrarmos que a gíria não é uma variação ou dialeto desordenado, leva-se em consideração para formarem-se as gírias primeiramente o significante depois se cria o significado; esses significados normalmente são afetivos, pejorativos e expressivos. Cunha e Cintra (1985) (apud



Carvalho, 1987:38) comentam que a palavra representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes.

Pode-se dizer que as gírias servem para separar os diversos grupos, e sua verdadeira intenção é referir à realidade e conhecimentos de um grupo X, não condiz com as regras gramaticais e muito menos com regras sociais, caracteriza-se como código “secreto” e como língua de protesto, não devemos esquecer que cada cultura e cada região tem suas gírias, logo o significante pode acarretar diversos significados.

Labov (2008, p. 313) aponta que “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”. Dessa forma, podemos concluir que as gírias se configuram como variação sociocultural.

Algumas dessas gírias, se analisadas do campo morfológico e sintático, podem ser consideradas afetivas ou pejorativas como já dito antes, é o caso das expressões que recebem o sufixo no diminutivo como, por exemplo, em *feinha* que se refere à mulher ou ainda *joaninha*, que faz referência aos antigos fuscas que eram utilizados como viaturas. Há também os empréstimos do código penal, que são utilizados para dar visibilidade ao crime cometido por tal indivíduo, como *duquetreze* que caracteriza a pessoa como abusador/estuprador. Essas gírias trazem ainda o uso de metáforas para trazer novos sentidos às palavras como em: *areia* que designa o açúcar e *giz* que se refere ao cigarro; e ainda para suavizar suas necessidades fisiológicas utilizam de eufemismo como em: *soltar o barro* ou *passar um fax*.

Diante o exposto podemos perceber que as gírias são compostas por diferentes léxicos que de certa forma estão englobadas no dia a dia, entretanto seu significado é semântico, ou seja, o sentido e a interpretação para cada uma delas vão de encontro a cada grupo que utiliza essa forma de se expressar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A gíria marginal, historicamente, apareceu nos grupos sociais excluídos da sociedade: favelados, bandidos, ciganos, assaltantes, criminosos e outros. Ela evidencia a identidade linguístico-cultural de cada falante que, por meio da expressão oral, revela desejos, inquietações, anseios, ideias. E, além disso, toda a possibilidade dentro da língua. Vez que, os estudos realizados demonstram que a gíria marginal é uma ferramenta de defesa dos criminosos, quando empregada confunde aqueles que dela não fazem parte.

Assim, podemos perceber que a linguagem, mesmo sendo rica, mutável e variável de acordo com o nível do contexto do falante, tem sido alvo de grande preconceito, posto que, ela não é culta e que vai contra aos preceitos gramaticais. Por outro lado, parece contraditória esta afirmativa, dado que esse linguajar não se restringe apenas a criminosos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo?* 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, (coleção primeiros passos), 1987.

COSTA, JOSUÉ. Linguagem própria dos presos é objeto de estudo. **O Liberal**, Belém, Caderno Atualidades, Polícia, 13 de jan. de 2002. Disponível no site <http://www.inf.ufsc.br/~avisar/cfo/1%20Semestre/linguagem%20jur%EDdica/GIRIAS.HTM> Acesso em 20 de junho. de 2019.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 391p.

"Neologismos e gírias" em *Só Português*. **Virtuous Tecnologia da Informação**, 2007-2019. Consultado em 28/06/2019 às 13:16. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/girias/girias3.php>.

OLIVEIRA, Aderlan Messias de. **Influência e significado das gírias de detentos no interior de uma cadeia da cidade de barreiras no oeste da bahia**. 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecapolicial.com.br/upload/documentos/GIRIA-DE-DETENTOS-DE-BARREIRAS-BA-21069_2011_12_21_29_58.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T.A Queiroz: Edusp. 1984.



_____. O vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, D. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In PRETI, D. (Orgs.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

_____. O léxico na linguagem popular: a gíria. Disponível no site <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/02.pdf> Acesso em 20 de junho. de 2019.

_____. Dicionários de Gíria. Alfa, São Paulo, v. 44, 2000. Disponível no site seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4199. Acesso em 20 de junho. de 2019

VALADARES, Flavio Biasutti. Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. **Revista Eletrônica de Linguística** (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) Volume 5, - n° 1 – 1° Semestre 2011.

Recebido Para Publicação em 24 de novembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 20 de janeiro de 2020.